



## **CORPO QUE SINALIZA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE AUTOMUTILAÇÃO EM ADOLESCENTES NO CONTEXTO ESCOLAR.**

Sara Pereira dos Santos<sup>1</sup>  
Allan Dellon Pereira Ferreira<sup>2</sup>  
Anny Beatriz Cavalcanti Lima<sup>3</sup>  
Thanara Castro da Conceição<sup>4</sup>  
Betânia Maria Oliveira de Amorim<sup>5</sup>

### **RESUMO**

A adolescência é um período marcado por uma série de transformações cognitivas, sociais e emocionais. É comum que durante essa fase a construção de uma identidade, a busca por um lugar social e os conflitos internos possam vir a causar sofrimento e adoecimento psíquico. Nessa perspectiva, sobretudo nos últimos anos, pode-se destacar a automutilação como um comportamento sinalizador e habitual entre os adolescentes. Trata-se de marcar no próprio corpo o que é sentido com o intuito de promover um alívio à dor emocional. Essa atitude, em muitos casos, tem relação direta com o olhar do outro, uma vez que na adolescência, há uma alta demanda de aceitação social, que se expressa fortemente no ambiente escolar. Dada a complexidade dessa problemática, realizou-se uma Revisão Sistemática com o objetivo de compreender como a automutilação aparece no contexto escolar enquanto um sintoma de adoecimento mental nos adolescentes. Para a coleta de dados foram realizadas buscas nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Periódicos Capes e Scielo. Os resultados encontrados apontam que a automutilação é mais comum entre o gênero feminino e que há um sentimento de impotência e despreparo dos docentes frente a questões dessa natureza. Além disso, indicam a importância de espaços de partilha e diálogo na escola para alunos e docentes, evidenciando a necessidade de profissionais da psicologia compondo a equipe escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** ADOLESCÊNCIA, AUTOMUTILAÇÃO, ESCOLA.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, [sara.pereira04@gmail.com](mailto:sara.pereira04@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, [allandellon134@gmail.com](mailto:allandellon134@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [lima.annyb@gmail.com](mailto:lima.annyb@gmail.com);

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [castrothanara@gmail.com](mailto:castrothanara@gmail.com);

<sup>5</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba - [betania.maria@professor.ufcg.edu.br](mailto:betania.maria@professor.ufcg.edu.br)

## INTRODUÇÃO



A adolescência é um período marcado por mudanças biológicas, cognitivas e sociais que sinalizam a saída da infância e início da vida adulta. Essa fase de muitas transformações, juntamente às responsabilidades que são atribuídas às suas escolhas diante das possibilidades oferecidas pelo capitalismo, contribuem para o adoecimento mental (Silva; Dias, 2019).

Durante essa transição, é comum que os adolescentes se afastem da família e se aproximem ainda mais dos amigos em busca da construção de identidade e sensação de pertencimento (Levy, 2013). O espaço mais conveniente para que isso aconteça é a escola. No entanto, durante a pandemia do COVID-19, as escolas foram fechadas e as pessoas passaram a viver em distanciamento social, o que ocasionou inúmeras consequências para a população em geral, especialmente para a construção da subjetividade dos adolescentes.

Em 2022, 70% dos estudantes de ensino fundamental II e terceiro ano do ensino médio apresentaram sintomas de ansiedade e depressão pós-pandemia (IAS, 2022). O que indica um aumento nas manifestações do adoecimento mental dos adolescentes na Escola. Dentre elas, a automutilação é uma prática que, comumente, tem início na adolescência, sendo predominante entre adolescentes e jovens adultos (Demantova, 2017).

A automutilação é caracterizada pelo ato de lesionar intencionalmente alguma parte do próprio corpo, sem o desejo consciente de morte (Feldmann, 1988). Discussões mais atuais fazem a diferenciação entre autolesão e automutilação, sendo esta uma grave excisão ou amputação de parte do corpo, enquanto essa aponta para um ferimento mais superficial como arranhões, cortes e queimaduras na pele (Aragão Neto, 2019). Neste artigo utilizaremos o termo automutilação por ser o mais usado popularmente no Brasil para designar atos de machucar propositalmente o próprio corpo.

A Lei 13.819 aprovada no Brasil em 26 de Abril de 2019 institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio (BRASIL, 2019) indica que essa é uma temática atual e urgente. Além disso, o Projeto de Lei (PL 270/20) aprovado em 2021, que obriga as escolas a notificar o Conselho Tutelar do município sobre ocorrências e dados relativos a casos de violência envolvendo alunos, em especial automutilação e suicídio (BRASIL, 2021). Evidenciam, dessa forma, a compreensão da Escola enquanto aliada na prevenção da violência autoprovocada.



Nesse sentido, é importante pontuar que a escola torna-se constantemente o primeiro lugar no qual os sinais do adoecimento mental, entre eles a automutilação, aparecem. Em muitos casos, esse contato é facilitado através do vínculo entre professor e aluno, o que coloca estes em posição de acolher os conflitos de identidade que perpassam essa geração (Saggese, 2021).

Desse modo, é importante observar o papel que a escola, em especial os professores, têm exercido na recepção das demandas relacionadas à saúde mental e refletir sobre os limites e possibilidades dessa instituição na promoção de saúde. Sob essas considerações, este trabalho tem como objetivo compreender como a automutilação se apresenta no contexto escolar enquanto sintoma de adoecimento mental entre os adolescentes nos últimos anos.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma Revisão Sistemática de Literatura Científica. Os descritores utilizados para a busca de artigos foram “Automutilação”, “Adolescência” e “Escola”. As bases de dados consultadas foram Periódicos Capes, Scielo e BVS- PSI (Biblioteca Virtual de Saúde- Psicologia Brasil). O período de pesquisa inclui artigos publicados entre 2018 e 2023, na língua portuguesa. A revisão foi realizada entre os períodos de Julho e Agosto de 2023.

Para inclusão dos artigos foram utilizados os seguintes critérios: pesquisas em formato de artigos científicos que tenham como tema central a automutilação na fase adolescência e a forma como essa problemática têm chegado à escola. Todos os trabalhos publicados em língua portuguesa entre 2018 e 2023 estão disponíveis na íntegra.

Após a consulta às bases de dados e a aplicação das estratégias de busca, foram identificados estudos que se repetiam entre as bases. Foram lidos todos os resumos e, em casos em que apenas o resumo não era suficiente para estabelecer se deveria ser incluído, foi lido na íntegra para determinar sua elegibilidade, assim como para comprovar as dos demais.

Inicialmente foram utilizados os três descritores para a busca: “Automutilação, adolescência e escola”, em seguida, alternando entre “Automutilação e adolescência” e “Automutilação e escola”. A análise se deu de forma qualitativa, a partir da leitura completa dos artigos selecionados, buscando extrair o panorama geral sobre o tema.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na BVS-PSI não foram encontrados resultados em nenhuma das variáveis utilizadas. Na Periódicos Capes, após a aplicação dos filtros, foram encontrados 8 resultados com os descritores “ automutilação, adolescência e escola”; 18 resultados com os descritores “automutilação e adolescência” e 14 resultados com os descritores “automutilação e escola”. Na plataforma Scielo, com a utilização dos três descritores (Automutilação, adolescência e escola) foram encontrados 2 resultados; com os descritores “automutilação e adolescência” foram encontrados 2 resultados e “automutilação e escola” foram encontrados 3 resultados. Dos 40 resultados encontrados, foram excluídos 6 trabalhos duplicados. Dos 34 artigos selecionados, 19 foram excluídos após a análise dos resumos. Dos 15 artigos elegíveis, 3 foram excluídos por não contemplar a temática central de automutilação na adolescência. Ao final, 12 estudos foram incluídos na presente revisão sistemática. Os estudos encontrados serão apresentados tendo por base o título, ano, o objetivo e tipo de estudo, conforme mostra o quadro 1.

QUADRO 1:

<b>TÍTULO</b>	<b>ANO</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>TIPO DE ESTUDO</b>
Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar.	2019	Discutir a automutilação e suas narrativas por adolescentes em contexto escolar.	Qualitativo
Psicologia escolar e automutilação na adolescência: Relato de uma intervenção.	2021	Relatar práticas profissionais realizadas em escola pública do Distrito Federal com adolescentes estudantes do Ensino Fundamental II, com queixas de automutilação.	Qualitativo
Automutilação sem ideação suicida de estudantes adolescentes: limites, desafios e possibilidades de ações preventivas para professores no contexto escolar.	2023	Compreender os desafios, limites e possibilidades dos professores para o manejo da automutilação sem ideação suicida (ASIS) de estudantes adolescentes, com perspectivas de ações preventivas no contexto escolar.	Qualitativo
“As giletes sempre falam mais alto”: o tema da automutilação em	2023	Compreender como o fenômeno da automutilação é compartilhado e vivenciado em comunidades do Facebook no Brasil, apresentando uma reflexão	Qualitativa

comunidades online.		sobre suas particularidades, as narrativas produzidas, as interações estabelecidas e a finalidade nesse ambiente digital.	
Políticas de prevenção ao suicídio no Brasil e seu impacto sobre as escolas.	2019	Analisar duas iniciativas contemporâneas de grande visibilidade, relacionados à prevenção do suicídio e dos comportamentos autolesivos <sup>1</sup> no Brasil, com especial atenção às suas consequências para o contexto escolar: a campanha “Setembro Amarelo” de prevenção ao suicídio, existente desde 2015, e a recém-implementada Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio.	Qualitativo
O signo da falta: automutilação na adolescência.	2019	Visa imergir na temática a fim de fazer emergir elementos que possam concatenar novas ideias e provocar novas reflexões. Partindo desse pressuposto, é pretensão também deste estudo começar a pensar na construção de formas de abordar esse inusitado sintoma de nossa época.	Qualitativo
Automutilações na adolescência: reflexões sobre o corpo e o tempo.	2021	Analisar o fenômeno das automutilações na adolescência a partir da articulação do registro do corpo à dimensão arcaica do tempo.	Qualitativo
Relacionamento familiar e práticas parentais percebidas por adolescentes do sexo feminino com comportamentos autolesivos.	2021	Investigar a percepção de adolescentes que mantêm comportamentos autolesivos acerca de seu relacionamento familiar e das práticas educativas utilizadas por seus pais.	Qualitativo
Comportamento suicida na adolescência.	2019	Compreender de que forma a psicanálise entende e trabalha junto aos casos de comportamento suicida.	Qualitativo
Escuta Clínica a Adolescentes que se Cortam: um olhar para o corpo e o vínculo materno na perspectiva da psicanálise.	2022	Investigar a automutilação que ocorre na adolescência, buscando compreender os significados particulares dessa conduta e identificar fatores psíquicos relacionados	Qualitativo
Adolescência e Comportamento Autolesivo: Uma Revisão da Literatura Nacional.	2022	Analisar a produção científica nacional sobre autolesão não suicida, automutilação e adolescentes.	Qualitativo
Comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica de professores.	2020	Analisar conhecimentos sobre comportamento suicida e estratégias de prevenção adotadas por professores do ensino fundamental.	Qualitativo



Por se tratar de um período marcado por mudanças, a adolescência exige um trabalho constante de nomear e compreender as novas vivências (Cardoso, 2006). Nesse processo, há uma tendência maior ao agir, pois não há maturidade cognitiva e emocional suficientes para se manifestar de outras maneiras. Pensando nisso, a automutilação pode ser entendida como a forma encontrada de colocar para fora, através do corpo, um sofrimento inominável, que não dá para ser colocado em palavras (Lopes; Teixeira, 2019; Cidade; Silva, et al. 2021; Silva; Dias, 2019). Essa prática também pode trazer alívio momentâneo à dor emocional (Castro e Couto, 2021; Carmo et al. 2020; Cidade; Silva, 2021).

Observa-se que a automutilação é atravessada por um marcador de gênero, sendo mais frequente entre as meninas (Jesus; Bredemeier; Del Pino, 2023; Colau et al. 2022,; Carmo et al. 2020). As manifestações de expressões dos sentimentos são legitimadas para elas, mesmo através das autolesões. O corpo feminino é marcado desde cedo pelas pressões estéticas e ideais de feminilidade também sinaliza em si as marcas do sofrimento. Enquanto elas são mais propensas a se cortarem, entre eles é mais comum se baterem ou se queimarem (Gonçalves; Avanci; Njaine, 2023).

Para Castro e Couto (2021) e Lopes e Teixeira (2019) as marcas no corpo tem o intuito de alcançar visibilidade e buscar o olhar do outro. Cidade e Silva (2021) apontam que após o alívio e diminuição da tensão, pode haver vergonha e arrependimento. Na mesma direção, Gonçalves; Avanci; Njaine (2023) afirma que elas podem gerar sentimentos ambíguos, pois ao mesmo tempo em que simboliza a superação de uma fase conturbada, pode provocar vergonha e estigma. Além disso, a capacidade de escondê-las pode ser relevante para a sensação de controle do próprio corpo.

Entre os principais fatores motivadores da automutilação, Santos; Pulino; Ribeiro (2019) apontam para a violência doméstica e sexual, bullying escolar, indiferença ou rejeição das pessoas em relação aos sentimentos, sensação de solidão, queixas relacionadas a família e pais distantes. Carmo et al. (2020) indicam o abuso psicoemocional infantil, transtorno de ansiedade e estresse pós-traumático. Gonçalves; Avanci; Njaine (2023) pontuam que características pessoais, transtornos psiquiátricos, situações adversas na infância, fatores sociais e familiares contribuem para a prática da automutilação. Enfatizando ainda que esse risco é maior em jovens LGBTQIAP+ e minorias étnico-raciais. Jesus, Bredemeier e Del Pino (2023) sinalizam para a influência dos relacionamentos familiares, amorosos e com os amigos, perdas por morte ou distanciamento, bullying e desempenho escolar. Destaca-se a



influência das adversidades familiares como violência física e verbal, negligência e conflitos. Assim como as vivências traumáticas como perdas de pessoas significativas, bullying, violência sexual. Ressalta-se o efeito contágio e influência dos pares e mídia que funcionam como modelo para reprodução de práticas autolesivas e agentes como ansiedade, quadros depressivos, comorbidades, ideação suicida, orientação sexual, isolamento e até o próprio temperamento pessoal (Colau et al. 2022).

Acentua-se dentre os fatores encontrados as relações familiares. Estudos realizados por Raupp, Marin e Mosmann (2021) demonstram que os adolescentes percebem o relacionamento com a família melhor na infância e indicam que o distanciamento afetivos, as poucas expressões e interações positivas aliados ao controle emocional e comportamental dos pais foram usados como justificativas para a produção dos cortes. Em contrapartida, o apoio dos pais, uma relação familiar mais próxima e a presença de uma rede de apoio é imprescindível para a saúde mental dos adolescentes. Contribuindo também para encontrar estratégias mais saudáveis de lidar com o sofrimento (Castro; Couto, 2021; Raupp; Marin; Mosmann, 2021).

Observa-se ainda a frequência em que o bullying, cyberbullying, desempenho escolar e sensação de solidão aparecem como motivadores para as autolesões. Esses são conflitos que perpassam o ambiente escolar. Então, de que forma esses sintomas se manifestam na Escola? Quais são suas limitações e potencialidades em relação à tal problemática?

Na escola, os “sintomas” da adolescência aparecem disfarçados de diagnósticos no contexto escolar. Por ser o ambiente no qual os adolescentes passam grande parte do seu dia, há uma grande possibilidade de algum funcionário identificar os alunos que estão se autolesionando (Lopes; Teixeira, 2019). Compreende-se que a escola pode ser um lugar gerador de sofrimento, mas, inegavelmente, tem um grande potencial de prevenção. De acordo com os autores, a escola precisa debater sobre o tema, sem subestimar o sofrimento do estudante e contribuir para a formação integral do adolescente, para cumprir seu papel social. Expõe ainda que os profissionais da educação, principalmente os professores, tendem a ser os primeiros a perceber que os alunos estão se automutilando, devido ao vínculo estabelecido em sala (Jesus; Bredemeier; Del Pino, 2023).

Uma pesquisa realizada com profissionais da saúde e educação identificou entre eles a banalização dos comportamentos autolesivos, a validação das crenças do efeito contágio e a compreensão de que se trata de um fenômeno passageiro utilizado para chamar atenção.



Além disso, admitem que se sentem despreparados para lidar com tais situações e não recebem formação sobre demandas relacionadas à saúde mental (Colau et al. 2022). Nesse sentido, a falta de capacitação no manejo da automutilação, dificuldade em identificar, a escassez de rede de apoio (principalmente ausência da equipe de saúde mental nas escolas), a carência de espaços para a discussão de temas transversais e o desprovimento de políticas públicas foram apontados como barreiras enfrentadas pela Escola em direção à prevenção (Jesus; Bredemeier; Del Pino, 2023; Colau et al. 2022; Raupp; Marin; Mosmann, 2021).

Por conseguinte, algumas ações práticas foram apontadas como formas de prevenir a automutilação nas escolas. Inicialmente, Jesus; Bredemeier; Del Pino (2023) assinala a responsabilização não só dos professores, mas da família, escola e Estado para debater esse fenômeno considerando as políticas públicas e envolvendo a comunidade. Propõem também a formação de professores e treinamento de estudantes para engajarem na prevenção de comportamentos autodestrutivos e saber acolher as revelações de automutilação. Além da necessidade de capacitar funcionários da escola de modo geral, para que não ajam com preconceitos ou condenação e reações negativas diante das identificações de automutilação nos alunos. Brito et al. (2020) enfatiza que é imprescindível que o(a) professor(a), além de saber identificar os sinais de alerta e acolher, saiba fazer os encaminhamentos necessários para garantir aos alunos atendimento especializado no sistema de saúde e zelar pela segurança dos estudantes, ressaltando a importâncias dos vínculos de amizade, acompanhamento profissional e familiares como rede de apoio.

Gonçalves; Avanci; Njaine (2023) atenta-se para a importância de olhar além do individual, escutando, acolhendo, dando sentido ao sofrimento e considerando as condições de vida estruturantes da juventude. Por sua vez, Lopes e Teixeira (2019) expõem a necessidade de espaços coletivos nos quais os adolescentes possam verbalizar suas queixas e construir formas mais saudáveis de lidar com esse sofrimento. Para tanto, a escola deve se movimentar adequando currículo, abrindo exceção para esse alunos ocupar outros espaços além da sala de aula e mostrando que aquele pode ser um ambiente acolhedor.

Garcia (2019) enfatiza a importância de reconhecer que o sofrimento mental e suas manifestações também estão relacionados com as desigualdades de gênero, classe, raça, diversidade sexual e outros. Propõe o reconhecimento dos mecanismos de opressão e diálogos sobre estratégias de prevenção que enfrentem tais mecanismos. Para que, dessa forma, a luta pela saúde mental seja mais ampla, interseccional, reflita as diversas formas de dominação e a maneira como elas contribuem para o adoecimento mental.



Por fim, a presença do (a) profissional da psicologia nas escolas é salientada como fator de prevenção, reessaltando a importância de sua circulação pelos espaços, dando chance aos novos encontros e oferecendo escuta e reflexão aos estudantes (Lopes e Teixeira, 2019; Santos; Pulino; Ribeiro 2021; Jesus; Bredemeier; Del Pino, 2023). Nesse sentido, observa-se ainda a unanimidade em estudos qualitativos e a prevalência de trabalhos realizados a partir da literatura, sendo as atividades desenvolvidas com os próprios adolescentes uma minoria. O que aponta, portanto, para a necessidade de ações com os alunos em situação de sofrimento psíquico, para que esse conhecimento não se restrinja ao meio acadêmico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados desta pesquisa indicam que a escola tem recebido manifestações do adoecimento mental dos adolescentes em formas de automutilação e revelam o grande potencial que essa instituição tem enquanto agente de prevenção das autolesões. Os estudos descritos e analisados apresentam compreensões variadas acerca das automutilações em adolescentes, mas de modo geral indicam que são formas de dar um lugar ao sofrimento inqualificável e possuem motivações diversas, desde discriminações, conflitos familiares, bullying e situações de vulnerabilidade. Percebe-se que há um grande estigma acerca da automutilação por parte dos profissionais da educação e saúde, que se sentem despreparados para lidar com essa demanda. Evidencia-se a necessidade de formações sobre saúde mental nas escolas e a importância do profissional da psicologia compondo a equipe escolar. Observa-se ainda uma escassez de estudos atuais da psicologia e uma compreensão majoritariamente psicanalítica sobre esse fenômeno. Apesar de obter-se um grande arcabouço teórico sobre a temática, as propostas práticas de atuação para prevenção ainda são reduzidas.

Nesse sentido, considera-se importante investigar em estudos futuros quais estratégias utilizar com profissionais da educação, em formações voltadas para prevenção de adoecimento mental, assim como as suas implicações no comportamento dos adolescentes. Por fim, espera-se que este artigo contribua para uma maior compreensão acerca do fenômeno da automutilação e seus atravessamentos na adolescência, servindo de orientação quanto aos caminhos que a escola pode percorrer na direção da prevenção do adoecimento mental.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO NETO, Carlos Henrique. Autolesão sem intenção suicida e sua relação com ideação suicida. Brasília, DF, 2019. 171 p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2019.

BRITO, Mara Dalila Leandro de Sousa et al. Comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica de professores. **Escola Anna Nery**, v. 24, p. e20200109, 2020.

CIDADE, Natália De Oliveira De Paula; SILVA Maria Abu-Jamra Zornig. "Automutilações Na Adolescência: Reflexões Sobre O Corpo E O Tempo." **Estilos da Clínica**, 2021, V. 26, nº 1, p. 129-144.

DE ALMEIDA, Silvana Costa; SAMICO, Fernanda Cabral. Comportamento suicida na adolescência. **Revista Mosaico**, v. 10, n. 1Sup, 2019.

DE JESUS, Francineide Pereira; BREDEMEIER, Juliana; DEL PINO, José Cláudio. Automutilação sem ideação suicida de estudantes adolescentes: limites, desafios e possibilidades de ações preventivas para professores no contexto escolar. **Educação**, p. e46/1-34, 2023.

DEMANTOVA, Aline Gonçalves. **Escarificações na adolescência: corpo atacado, corpo marcado**. 2017. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

DE SOUZA CARMO, Julia et al. Autolesão não suicida na adolescência como fator de predisposição ao suicídio. **Saúde Ética & Justiça**, v. 25, n. 1, p. 3-9, 2020.

DE SOUZA COLAU, Laura et al. Adolescência e Comportamento Autolesivo: Uma Revisão da Literatura Nacional. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 14, n. 1, p. 176-196, 2022

FELDMAN, Marc David. The challenge of self-mutilation: A review. **Comprehensive psychiatry**, v. 29, n. 3, p. 252-269, 1988.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. Políticas de prevenção ao suicídio no Brasil e seu impacto sobre as escolas. **Práxis Educacional**, v. 15, n. 36, p. 43-60, 2019.

GONÇALVES, Aline Ferreira; AVANCI, Joviana Quintes; NJAINE, Kathie. "As giletes sempre falam mais alto": o tema da automutilação em comunidades online. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 39, p. e00197122, 2023.

IAS, Instituto Ayrton Senna, São Paulo. 2022. **PESQUISA: 70% DOS ESTUDANTES RELATAM SINTOMAS DE DEPRESSÃO E ANSIEDADE**. Disponível em: <https://institutoayrtonsenna.org.br/imprensa/pesquisa-70-dos-estudantes-relatam-sintomas-de-depressao-e-ansiedade/>. Acesso em: 20 de Julho de 2023

LEVY, R. O adolescente. In: EIZIRIK, C. L.; BASSOLS, A. M. S. (Ed.). O Ciclo da Vida Humana: uma perspectiva psicodinâmica. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2013. p.167-179.



LOPES, Lorena da Silva; TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Automutilações na adolescência e suas narrativas no contexto contexto escolar. **Estilos da Clínica**, v. 24, n. 2, p. 291-303, 2019.

RAUPP, Carolina Silva; MARIN, Angela Helena; MOSMANN, Clarisse Pereira. Relacionamento familiar e práticas parentais percebidas por adolescentes do sexo feminino com comportamentos autolesivos. **Psychologica**, v. 64, n. 1, p. 29-48, 2021.

SANTOS, Elen Alves dos; PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto; RIBEIRO, Beatriz Soares. Psicologia Escolar e Automutilação na adolescência: Relato de uma intervenção. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, 2021.

SILVA, Jerto Cardoso; DIAS, Jémerson Madrid. O Signo da falta: automutilação na adolescência. **Boletim Entre SIS**, v. 4, n. 1, p. 21-30, 2019.